

Liricidade na linguagem d'Os devaneios do caminhante solitário, de Jean-Jacques Rousseau

Maria de Lourdes Dionizio Santos¹

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN)

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

maria.dionizio@professor.ufcg.edu.br

Resumo: Trata-se de uma leitura sobre a liricidade presente n'Os devaneios do caminhante solitário, de Jean-Jacques Rousseau, partindo do pressuposto de que a poesia é inerente à linguagem da referida obra. À maneira do que observamos no comportamento do indivíduo representado no Movimento Literário do Romantismo, percebemos, na atitude do sujeito poético - o caminhante solitário, uma fuga da sociedade, bem como seu isolamento na natureza, numa demonstração do conflito estabelecido entre o sujeito e o mundo. Nessa perspectiva, voltado para o seu interior, no desejo de autodescoberta, o indivíduo enfrenta o desconhecido e suplanta os obstáculos que impedem sua formação. Temos, dessa forma, uma imersão do eu em sua vida interior, e sua recusa em aceitar a realidade, visto que o narrador-personagem confessa que suas caminhadas são o único instante em que ele se encontra consigo mesmo – espaço-tempo privilegiado cuja solidão lhe propicia ser ele mesmo, através de suas meditações, quando se convence de que a felicidade não depende de homens. Com base nisso, em cada caminhada constatamos a liricidade da obra, conferida no entusiasmo do caminhante solitário, do mesmo modo que é possível acompanhar os devaneios deste, na contemplação da paisagem, à medida que percorre o espaço. Assim sendo, a descrição detalhada da natureza potencializa o alto teor imagético que configura a poética existente na prosa rousseauiana. À procura da poesia que abriga a essência e a verdade, o espaço torna-se o lugar da descoberta, escavada no caminho trilhado pelo personagem.

Palavras-chave: Os devaneios do caminhante solitário. Jean-Jacques Rousseau. Liricidade. Prosa poética.

Lyrical expression in the language of Jean-Jacques Rousseau's "The Reveries of the Solitary Walker"

Abstract: This is a reading of the lyricism present in Jean-Jacques Rousseau's "The Reveries of the Solitary Walker", based on the premise that poetry is inherent to the language of the work. Similar to what we observe in the behavior of the individual represented in the Romantic literary movement, we perceive in the attitude of the poetic subject – the solitary walker – an escape from society, as well as his isolation in nature, demonstrating the conflict established between the subject and the world. From this perspective, turned inward, in the desire for self-discovery, the individual confronts the unknown and overcomes the obstacles that impede his development. Thus, we have an immersion of the self in his inner life, and his refusal to accept reality, since the narrator-character confesses that his walks are the only moment in which he finds himself – a privileged space-time whose solitude allows him to be himself, through his meditations, when he becomes convinced that happiness does not depend on men. Based on this, in each walk we observe the lyricism of the work, conferred in the enthusiasm of the solitary walker, just as it is possible to follow his reveries in contemplation of the landscape as he traverses the space. Thus, the detailed description of nature

¹ Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1405429898665548> Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-9014-7375>

enhances the high imagistic content that configures the poetics present in Rousseau's prose. In the search for the poetry that harbors essence and truth, space becomes the place of discovery, excavated along the path trodden by the character.

Keywords: The reveries of the solitary walker. Jean-Jacques Rousseau. Lyricism. Poetic prose..

Poesia é “Expressão histórica de raças, nações, classes. Nega a história, em seu seio resolvem-se todos os conflitos objetivos e o homem adquire, afinal, a consciência de ser algo mais que passagem. Experiência, sentimento, emoção, intuição, pensamento não-dirigido. [...] Loucura, êxtase, logos. Regresso à infância, coito, nostalgia do paraíso, do inferno, do limbo. [...] Ensino, moral, exemplo, revelação, dança, diálogo, monólogo. [...] palavra do solitário. [...] o poema é uma máscara que oculta o vazio, bela prova da supérflua grandeza de toda obra humana!”
(Paz, Octávio. Poesia e poema. In: *O arco e a lira*).

Propomo-nos fazer uma leitura da primeira e da segunda caminhadas da obra *Os devaneios de um caminhante solitário*, última obra da autoria de Jean-Jacques Rousseau, a qual foi publicada postumamente, quatro anos após sua escritura. Conforme afirma o próprio Rousseau, essa obra é uma sequência de suas *Confissões*. Suas caminhadas são o único instante em que ele se encontra consigo próprio – através de suas meditações, quando se convence de que a felicidade não depende de homens. Com base nisso, em cada caminhada constatamos a liricidade da obra, conferida no entusiasmo do caminhante solitário, do mesmo modo que é possível acompanhar os devaneios deste, na contemplação da paisagem, à medida que percorre o espaço.

Assim sendo, a descrição detalhada da natureza potencializa o alto teor imagético e institui a liricidade na prosa rousseauiana. À procura da poesia que abriga a essência e a verdade, o espaço torna-se o lugar da descoberta, escavada no caminho trilhado pelo personagem.

A respeito da poética na obra de Rousseau, Luciano da Silva Façanha (2024, p. 102) faz uma abordagem profícua em sua obra *Filosofia e literatura: da Antiguidade Clássica à Modernidade da Ilustração*, no tópico intitulado: “Rousseau, uma Poética na Filosofia do século XVIII”; aqui, o pesquisador assinala que, “Há algum tempo, a literatura havia desaprendido a falar a linguagem do sentimento e da paixão, no entanto, a poética quase esquecida deste mundo reapareceu [...]”, graças a Rousseau, que quebrou o “encanto”. Este filósofo, segundo Cassirer, citado por Façanha (2024, p. 102), “[...] se tornou o descobridor e o animador do mundo lírico, sem ser o criador de uma única poesia verdadeiramente lírica”. Sua poética proporcionou uma literatura com sentido de “‘nova existência’, ‘tomado por um novo sentimento da vida’”. Façanha (2024, p. 103) acrescenta que Rousseau “[...] reanimou a voz da natureza, linguagem nunca esquecida, mas aprofundada e extasiada nos seus *Devaneios de um caminhante solitário*”.

A obra supramencionada trata de uma busca do narrador-personagem pelo eu, mergulhando em seu interior e isolando-se da humanidade hostil. Esta, por sua vez, representa o outro, “o

inferno” que atormenta ao sujeito lírico, em conformidade como o que vemos na seguinte passagem da Primeira Caminhada:

O mais sociável e o mais afetuoso dos humanos [...] foi proscrito [da Terra] por um acordo unânime. Procuraram nos refinamentos de seu ódio que tormento poderia ser mais cruel para a minha alma sensível e quebraram violentamente todos os elos que me ligavam a eles. Teria amado os homens a despeito deles próprios (Rousseau, 2017, p. 22)

A propósito disso, Fulvia Moretto (2018, p. 11) assinala que, “Do primeiro ao oitavo ‘Devaneio’ o *eu* é o único protagonista e se fecha para fugir a seus perseguidores”. Ou seja, “[...] o caminhante solitário, dobrando-se sobre si mesmo, encontrou, diante da morte, os carinhos fundamentais para qualquer ser humano”. Para Moretto (2018, p. 12),

[...] é com Rousseau que [a palavra devaneio] atinge toda a sua ressonância moderna, romântica. É assim com Rousseau que desabrocham palavras como *rêverie* e que desabrocha este eu profundo que fará dele o primeiro romântico” (Moretto, 2018, p. 12). Esta autora acrescenta que “Todos os ‘Devaneios’ colocam o *eu* diante de uma determinada situação, descrevem seus sentimentos, suas lutas, suas dúvidas (Moretto, 2018, p. 12).

Dessa forma, diante da realidade e seus conflitos, ao invés de enfrentar a situação, o narrador-personagem a escapa, sentindo-se impotente para solucionar os problemas. Encontramos, aqui, a origem do escapismo, traço marcante do ultrarromantismo, ou mal-do-século, fase da poesia Romântica em que os poetas se isolavam, entregando-se à solidão, à maneira do que fez Rousseau, ao romper com a sociedade que lhe perseguiu, encontrando na natureza seu refúgio. Assim, no contato com a natureza, Rousseau, em seus devaneios e interesse por si, no fim de seus dias, imerge nas “[...] sensações, recordações e imaginação [...]”, segundo Saes (2017, p. 9), sobrepondo as emoções em lugar de pensar, tarefa que ele considerava “[...] penosa e sem encanto”, conforme afirma Saes (2017, p. 8):

Condenado pelos poderes estabelecidos e rejeitado pelo público, Rousseau já não vê caminho além de deixar o mundo em que vive, e criar outro apenas para si. Seus dois últimos anos de vida serão marcados pelo abandono, e até mesmo por um duplo abandono: o abandono da sociedade humana, que para o filósofo acarreta necessariamente outro, o da reflexão racional.

Nessa perspectiva, em suas caminhadas, no contato com a Natureza que o inspirava, o genebrino fez “[...] do devaneio uma técnica de vida e de escrita [...]”, conforme afirma Saes (2017, p. 9). Neste sentido, *Os devaneios de um caminhante solitário* configura uma expressão de subjetividade, e reflexões de seu autor, ao reviver os devaneios. Isto significa, no dizer de Saes (2017, p. 9), “[...] uma experiência quase mística, durante a qual o homem se faz todo poderoso, corrigindo e moldando o passado de acordo com sua vontade”.

Nessa esteira de pensamento, ao abordar a retórica n’*Os devaneios do caminhante solitário*, Adalberto Vicente (2012, p. 170) assinala que, “[...] Rousseau deixa-se levar pela exuberância

verbal e cria um discurso no qual o leitor moderno sente o exagero de uma sensibilidade exacerbada”. No entendimento desse pesquisador, esse leitor vê “[...] com desconfiança iônica as passagens em que Rousseau pretendia representar de forma dramática as inquietações de sua alma” (Vicente, 2012, p. 170). Este autor assinala que o caráter inovador e revolucionário dessa obra de Rousseau imprime “[...] uma retórica da sensibilidade de grande repercussão na literatura romântica [...]”, e reitera que “*Os Devaneios do caminhante solitário*, afirmam uma retórica da sensibilidade, pois vão sugerir às novas gerações uma forma de expressão mais livre, menos sujeita às regras estanques impostas pela tradição clássica [...]” (Vicente, 2012, p. 171).

Nessa linha de pensamento, de acordo com Fúlvia Moretto (2018, p. 8-9), em sua introdução à obra em análise,

[...] Rousseau lança mão do ritmo para nos sugerir o pitoresco da descrição. Longos períodos que parecem acompanhar a respiração, gosto pela acumulação de palavras, de exemplos, preferência pelo ritmo ternário para os verbos, binário para os substantivos, a grande quantidade de frases interrogativas e exclamativas, repentinamente substituídas (quarto “Devaneio”) por um estilo racional, casuístico mesmo, levaram a crítica a falar dos estilos dos Devaneios do caminhante solitário. Estilos que, baseados em grande parte no ritmo, nos dão este pitoresco que mais de um século de classicismo e de literatura psicológica haviam retirado à literatura francesa. Se falta, assim, a Rousseau, um vocabulário pitoresco, sobra-lhe movimento, ritmo que vêm sugerir um mundo exterior que nascia então e que era preciso descrever.

O que se observa no estilo dessa obra de Rousseau é um fingimento poético que se apresenta em sua linguagem, a exemplo do momento em que o autor trata sobre o destinatário para quem ele escreve, que diverge dos ensaios de Montaigne, cuja obra é escrita para um público leitor, conforme atesta o seguinte destaque de sua “Primeira Caminhada”: “Minha empresa é a mesma de Montaigne, mas com uma finalidade totalmente contrária à sua: pois ele não escrevia seus ensaios senão para os outros e eu não escrevo meus devaneios senão para mim” (Rousseau, 2018, p. 28).

Se, de fato, Rousseau estivesse pensando em escrever para si mesmo, por que dizer que o que escreve é para as gerações posteriores? Como se vê, isso configura uma estratégia do narrador, que não passa de um fingimento, e conta com o leitor para sua obra. Afinal, depois de tanta perseguição por conta de suas obras anteriores, espera que, ao menos no futuro, seus escritos sejam lidos. A propósito, Sílvia Maria Azevedo (2005, p. 138) pondera, em seu ensaio intitulado: “Os devaneios de Rousseau ou a metamorfose da solidão”, inserto na obra *Verdades e mentiras: 30 ensaios em torno de Jean-Jacques Rousseau* que, “talvez”, este não tivesse previsto o grande sucesso de público de sua obra *Os devaneios do caminhante solitário*.

Dessa forma, Moretto (2018, p. 10) observa que

[nos] dez *Devaneios*, aparentemente sem ligação entre si, transparece claramente a unidade que os liga: o *eu* à procura de si mesmo e especialmente da felicidade, a necessidade sempre presente, mas frustrada, de comunicação universal, a necessidade de amar e ser amado, tudo resumido na felicidade de saber agora bastar-se a si mesmo. O *eu* frui cada vez

mais de sua própria substância. Sentimos, contudo, que este *eu* não está completamente só, pois, além da presença de Deus, sentimos, ao longo dos *Devaneios*, um caminhar constante para dentro de si mesmo que o leva até ao seio materno.

O excerto acima depõe contra o que está anunciado desde o início da “Primeira Caminhada”:
“EIS-ME, PORTANTO, SOZINHO NA TERRA, tendo apenas a mim mesmo como irmão, próximo, amigo, companhia. [...] Teria amado os homens a despeito deles próprios” (Rousseau, 2018, p. 22). Estas circunstâncias de despojamento expõem o ser, no dizer de Azevedo (2005, p. 139), “[...] ao espetáculo de uma intimidade que se desnuda [...] a exercer irresistível atração junto ao leitor [...] de imediato transformado em confidente de uma voz sedutora, instalada na primeira caminhada”.

Nessa esteira de raciocínio, Guacira Marcondes Machado (2012, p. 179) acentua, em seu texto “O romantismo dos devaneios”, que “[...] a solidão é salutar ao indivíduo melhor”, contudo, em se tratando de Rousseau, “essa solidão, segundo ele, é motivada pela hostilidade dos homens”.

A solidão, empreendida como fuga, ou exílio voluntário do poeta, constitui-se o lugar privilegiado para o ócio criativo, no qual a inspiração e a imaginação afloram e propiciam o surgimento da obra poética, a exemplo d'*Os devaneios do caminhante solitário*. Desse modo, O eu-sozinho, narrador-personagem da obra, em seu abandono, atrai os olhos e a atenção do mundo, dirigindo-se a si mesmo, conforme vemos na primeira frase da citação acima. A respeito disso, conforme assinala Azevedo (2005, p. 139),

Ao apontar para a própria solidão [...], o narrador clama por companhia [...]. O leitor (a companhia almejada), pode avaliar-lhe a extensão do sofrimento pelo tom de indignação empregado, no qual não faltam hipérboles, exclamações, interrogações, como se a maldade que praticaram com ele fosse coisa recente. Por outro lado, [...] o leitor pode vir a suspeitar dos lamentos do narrador, posto que o tempo, ao invés de curá-lo, só fazia aumentar-lhe a dor do abandono. [...] o narrador vê-se mergulhado no caos [...] de onde precisa sair para tomar consciência do que aconteceu com ele.

O apelo do narrador para o seu leitor, pode ser conferido também no seguinte excerto:

me encontro nesta estranha posição, ela me parece ainda um sonho. Imagino sempre que uma indigestão me atormenta, que tenho um pesadelo e que vou acordar entre os meus amigos, aliviado de minha dor. Sim, sem dúvida, sem o perceber, devo ter dado um salto da vigília ao sono, ou melhor, da vida para a morte. Retirado, não sei como, da ordem das coisas, senti-me precipitado num caos incompreensível, em que não percebo absolutamente nada, e, mais penso na minha atual situação, menos posso compreender onde estou (Rousseau, 2018, p. 22).

Em seguida, o narrador apresenta as seguintes reflexões:

Oh! Como teria podido prever o destino que me esperava? Como posso concebê-lo ainda hoje, quando a ele estou entregue? Podia, com meu bom senso, supor que um dia eu, o mesmo homem que era, o mesmo que ainda sou, seria tido, seria considerado, sem a menor dúvida, como um monstro, um envenenador, um assassino, que me tornaria o horror da raça humana, o brinquedo da gentilha, que toda a saudação que me fariam os passantes seria a de escarrar sobre mim, que toda uma geração, de comum acordo, se divertiria enterrando-me ainda vivo? Quando se deu essa estranha transformação, tomado de surpresa, senti-me, a

princípio, transtornado. Minhas agitações, minha indignação mergulharam-me num delírio que não precisou de menos de dez anos para se acalmar e, nesse intervalo, tendo caído de erro em erro, de engano em engano, de tolice em tolice, com minhas imprudências, forneci, aos que dirigem meu destino, outros tantos instrumentos que habilmente usaram para fixá-lo irremediavelmente (Rousseau, 2018, p. 22-23).

TORMENTO E RESIGNAÇÃO EM BUSCA DA PAZ

Debati-me por muito tempo tão violenta quanto inutilmente. Sem habilidade, sem perícia, sem dissimulação, sem prudência, franco, aberto, impaciente, arrebatado, debatendo-me não fiz outra coisa senão deixar-me enlaçar ainda mais e dar-lhes continuamente novos poderes, que tiveram o cuidado de não negligenciar. Sentindo enfim inúteis todos os meus esforços e atormentando-me inutilmente, tomei a única decisão que me restava, a de me submeter à minha sorte, sem mais resistir contra o destino. Encontrei nessa resignação a compensação a todos os meus males, pela tranquilidade que ela me traz e que não podia aliar-se ao trabalho contínuo de uma resistência tão penosa quanto infrutífera (Rousseau, 2018, p. 23).

Na descrição do recorte acima, é flagrante o exagero que o narrador-personagem faz, de modo apelativo. Isso atesta a presença da liricidade no discurso de Rousseau, conferida na força expressiva do eu-emissor que domina o espaço e o tempo humano narrados, atraindo a atenção do leitor. Desse modo, na “Segunda Caminhada” - “caminhadas solitárias e dos devaneios”, o narrador-personagem afirma que: “Essas são horas de solidão e de meditação são as únicas do dia em que sou eu mesmo e me pertencem [...] e nas quais posso verdadeiramente dizer o que sou [...]” (Rousseau, 2018, p. 30). Isso nos remete ao que afirma Azevedo (2005, p. 134), que a frase: “uma vida sob o signo da solidão” resumiria a biografia deste filósofo. Assim, em conformidade com Azevedo (2005, p. 134), quando o eu-narrador se questiona - o que ele é, afastado de tudo e de todos? ele se experimenta “[...] a solidão da separação dos seres, a solidão de uma existência ainda inautêntica. Para elevar-se até o desvendamento do ser em-si - ‘que sou eu mesmo?’ -, o eu partiria agora para a experiência da ‘solidão essencial’”.

Com efeito, “[...] se, conforme relata na segunda caminhada, constantes boatos davam-no como morto, [Rousseau] fazia aquele que é o aprendizado mais radical, ‘o aprender a morrer’ (Malandain, 1988, p. XXI, *apud* Azevedo (2005, p. 135). Por este prisma, “[...] a primeira caminhada inaugura os dois movimentos que, de forma simultânea e reversa, irão percorrer toda a obra: o ‘adeus ao mundo’ e o ‘aprender a morrer’”. Nesta perspectiva, Azevedo (2005, p. 135) reitera que “Pode estar aí a intenção da voz narrativa de *Rêveries* de querer mostrar-se [...], de forma a marcar a identidade entre narrador e personagem [...]”.

De acordo com Rousseau (2018, p. 31):

O hábito de refletir sobre mim mesmo [...] me fez perder o sentimento e quase a recordação de meus males; descobri [...] que a fonte da verdadeira felicidade está em nós e que não depende dos homens tornar realmente miserável aquele que sabe querer ser feliz [...]. Quatro ou cinco anos atrás eu experimentava essas delícias internas, que, na contemplação, as almas afetuosas e doces se encontram. [...]. Desejando recordar tantos devaneios, em vez de descrevê-los, eu tornava a cair neles.

Marques (2007, p. 46) argumenta que, em Rousseau, “[...] na sensibilidade capaz de gerar os arroubos líricos dos *Devaneios do caminhante solitário*, [...] o entusiasmo assume papel preponderante”.

No excerto a seguir, parece haver ponderação da parte do narrador-personagem, ao relacionar sua imaginação outrora e agora, considerando a última não inflamada como a primeira. Na mesma linha de pensamento, afirma, também, inebriar-se “menos com o delírio do devaneio”. Talvez, aqui, a passagem do tempo opere, de modo gradativo, a maturidade do sujeito lírico, que é tomado pelas reminiscências que lhe restam, por fim, com a passagem de sua vida, sem “esperança sobre a terra”. Justamente esta, a que restou na Caixa de Pandora, como alívio para a humanidade, à maneira do que antes foi escrito na “Primeira Caminhada”:

Havia muito nada mais temia mas esperava ainda e essa esperança, ora embalada ora frustrada, era um ponto através do qual mil paixões diversas não cessavam de me agitar. Um acontecimento tão triste quanto imprevisito acaba enfim de apagar de meu coração este fraco raio de esperança e me fez ver meu destino fixado para sempre, definitivamente, na terra. A partir de então, resignei-me sem reservas e encontrei novamente a paz (Rousseau, 2018, p. 23-24).

De modo recorrente, a esperança aparece como mola propulsora dos devaneios do sujeito emissor, conforme encontramos na seguinte passagem:

Porém, contava ainda com o futuro e esperava que uma geração melhor, examinando com maior cuidado seus julgamentos sobre a minha pessoa e seu procedimento para comigo, viesse esclarecer facilmente a fraude dos que a dirigem e me visse finalmente como sou. Foi essa esperança que me fez escrever meus *Diálogos* e que me sugeriu mil loucas tentativas para os fazer chegar à posteridade. Essa esperança, embora longínqua, mantinha minha alma na mesma agitação de quando procurava ainda no mundo um coração justo, e minhas esperanças, que em vão dirigia ao longe, me transformavam igualmente no brinquedo dos homens de hoje. Disse em meus *Diálogos* em que baseava essa espera. Enganava-me. Felizmente, senti-o com suficiente antecipação para encontrar ainda, antes de minha hora extrema, um intervalo de plena quietude e de repouso absoluto (Rousseau, 2018, p. 25).

A poesia que permeia o discurso rousseauiano se sobressai de forma perene aos olhos do leitor, e se faz notar nos polos extremos da linguagem que a estampa e proporcionam o efeito poético, conforme vemos na seleção criteriosa das palavras que constituem sua obra. Sublinhamos, desse modo, os seguintes termos: **Tudo** está acabado para mim sobre a **terra**. Não me podem mais fazer bem nem mal. **Nada** mais me resta **esperar** nem **temer** neste **mundo** e **eis-me tranquilo no fundo do abismo, pobre mortal infeliz**, mas **impassível como o próprio Deus** (Rousseau, 2018, p. 30).

Nas palavras que constituem pares de sentidos distintos: **Tudo/nada**; **terra/mundo**; **es-perar/temer**; **tranquilo/infeliz**; **pobre mortal/Deus**, deparamo-nos com um universo místico que envolve o humano e o projeta ao divino. A poesia está no jogo dos pares de signos, cujas interfaces evocam significados múltiplos. Destarte, o que aparenta ser extremidade, por meio do fazer poético tende a aproximar-se, configurando o simbolismo da linguagem. Por exemplo, “tudo” e “nada” estão para a significação do mito. Assim como “pobre mortal” (homem) e “Deus”. A própria configuração de esperar sem temer; e estar **tranquilo no fundo do abismo/ impassível como o próprio Deus**, desafia a ordem de um discurso que se inicia prenhe de ressentimento, angústia e tormento.

Diante disso, não há como não fazer analogia às palavras sagradas: “Tudo está consumado”, seguidas das imagens que elas evocam, a própria figura de Cristo. Assim, o homem, **pobre mortal** que habita o fundo do abismo, quem sabe, espera em **Deus**, o Salvador, que cumpra o que está escrito.

Minha imaginação já menos viva não se inflama mais como outrora ao contemplar o objeto que a anima, inebrio-me menos com o delírio do devaneio; há mais reminiscência do que criação no que ela produz agora, um tépido langor abate todas as minhas faculdades, o espírito vital se apaga em mim gradativamente; só com dificuldade minha alma se arremessa agora para fora de seu envoltório decrépito e sem esperança de alcançar o estado a que aspiro, porque sinto ter direito a ele, somente existiria por intermédio das lembranças. Assim, para me contemplar a mim mesmo, antes de meu declínio, é preciso remontar pelo menos alguns anos, ao tempo em que, tendo perdido toda a esperança sobre a terra e não encontrando nela mais alimento para meu coração, acostumava-me pouco a pouco a nutri-lo de sua própria substância e a procurar todo o seu alimento dentro de mim (Rousseau, 2018, p. 30).

Partindo do pressuposto, entendemos que o mais fascinante nas passagens da obra rousseauiana, no decurso das caminhadas do caminhante solitário, é o elevado teor lírico que impregna a linguagem da obra, marcada em estilo singular, que servirá de lastro ao pensamento estético do Romantismo. Dessa maneira, quando, em seu ensimesmamento, o sujeito volta-se para o seu interior e culpa o mundo por seu infortúnio, ele exacerba e potencializa seu sentimento, acusando a sociedade de perturbá-lo e atormentá-lo, submetendo-lhe à situação a que estava destinado. Não obstante, o sujeito pondera ao afirmar que

A inquietude e o medo são males de que me libertaram definitivamente: é sempre um alívio. Os males reais têm pouco poder sobre mim; resigno-me facilmente com os que sofro, mas não com os que temo. Minha imaginação assustada os associa, os examina, os dilata e os aumenta. Sua espera me atormenta com vezes mais do que sua presença e a ameaça me é mais terrível do que o golpe. No momento em que chegam, como o acontecimento lhes retira tudo o que possuíam de imaginário, os reduz a seu justo valor. Acho-os então muito menores do que os havia imaginado e, mesmo em meio a seu sofrimento, não deixo de me sentir aliviado. Nesse estado, livre de todo novo medo e isento da inquietude da esperança, só o hábito poderá tornar-me a cada dia mais suportável minha situação que nada pode agravar [...] (Rousseau, 2018, p. 24).

Com base nesses pressupostos, compreendemos que o lirismo presente na linguagem poética de Rousseau, em particular, na obra *Os devaneios do caminhante solitário*, encontra-se em seu pioneirismo em sentir e despertar, em meio à natureza, uma nova forma de vida a ser propiciada ao outro.

Referências

- AZEVEDO, Sílvia Maria. Os devaneios de Rousseau ou a metamorfose da solidão. *In*: MARQUES, José Oscar de Almeida. (Org.). **Verdades e mentiras**: 30 ensaios em torno de Jean-Jacques Rousseau. Ijuí: Unijuí, 2005. p. 133-142.
- FAÇANHA, Luciano da Silva. Rousseau, uma Poética na Filosofia do século XVIII. *In*: FAÇANHA, Luciano da Silva. *Filosofia e literatura*: da Antiguidade Clássica à Modernidade da Ilustração. Seguido de 13 ensaios sobre Filosofia e Literatura. São Luís: EDUFMA, 2024. p. 101-107.
- MACHADO, Guacira Marcondes. O romantismo dos devaneios. *In*: ESPÍNDOLA, Arlei. (Org.). **Rousseau: pontos e contrapontos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2012. p. 177-194.
- MARQUES, José Oscar de Almeida. Rousseau e a possibilidade de uma autobiografia filosófica. *In*: MARQUES, José Oscar de Almeida. (Org.). **Reflexos de Rousseau**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2007. p. 153-172.
- MORETTO, Fúlvia Maria Luiza. Introdução. *In*: ROUSSEAU, Jean Jacques. Os devaneios do caminhante solitário. Tradução, introdução e notas de Fúlvia Maria Luiza Moretto. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2018. p. 5-19.
- NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995. (Série Fundamentos, 31).
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução por Constança Marcondes Cesar. Capinas-SP: Papirus, 1994. Tomo I. Tradução de: *Temps et récit* – Tome I.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. Os devaneios do caminhante solitário. Tradução, introdução e notas de Fúlvia Maria Luiza Moretto. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2018.

SAES, Laurent de. Introdução. *In*: ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Os devaneios do caminhante solitário**. Tradução por Laurent de Saes. São Paulo: Edipro, 2017. p. 7-13.

VICENTE, Adalberto Luiz. A retórica da sensibilidade e a renovação das formas literárias: repercussão dos devaneios do caminhante solitário nos séculos XIX e XX. *In*: ESPÍNDOLA, Arlei de. (Org.). **Rousseau: pontos e contrapontos**. São Paulo: Barcarolla, 2012. p. 167-176.

Recebido em: 02/10/2025

Aprovado em: 13/11/2025